

# UM ESTUDO SOBRE A METONÍMIA COMO UM PROCESSO COGNITIVO

Ione Aires Santos\*

**Resumo:** Procurando desvendar a metonímia bem como entendê-la, apresenta-se um estudo acerca da linguagem figurada sob um olhar qualitativo, desde a Retórica até se chegar ao percurso investigativo acerca dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva. Para isso, a linguagem figurada foi observada na retórica aristotélica e nas gramáticas tradicionais. Fez-se uma comparação entre a metáfora e a metonímia sob o enfoque tradicional. Verificou-se ainda, como se deu a taxonomia da metonímia, como ela é apresentada nos livros didáticos e quais as consequências da abordagem taxonômica tradicional. Conhecidas as implicações do estudo tradicional sobre a metonímia, apresentou-se a Linguística Cognitiva, uma disciplina que trouxe um novo olhar epistemológico sobre o modo como as coisas são experienciadas e categorizadas. Apresentaram-se a metáfora e a metonímia sob a ótica da cognição e, por fim, fez-se o estudo da metonímia com relevância para a sua natureza inferencial. A análise constituiu-se de um estudo de caso com vistas a observar a face inferencial da metonímia conceptual e como se constitui o processo de construção de um determinado conceito via processo metonímico. Os resultados demonstraram que a metonímia conceptual tem um alcance sociocultural.

**Palavras-chave:** Semântica Cognitiva. Metonímia. Referência. Inferência.

**Abstract:** Trying to understand and unravel the metonymy, this work is presented a study on the figurative language in a quality look, from rhetoric to get to the investigative course on the theoretical assumptions of Cognitive Linguistics. For this, the imagery was observed in Aristotelian rhetoric and in traditional grammars. A comparasion was made between metaphor and metonymy in the traditional approach, and verify how the taxonomy of metonymy, as it is presented in textbooks and what the consequences of traditional taxonomic approach. Yet been verified the implications of the study on traditional metonymy, presents the cognitive linguistics, a discipline that has brought a new perspective on the epistemological way things are experienced and categorized. the metaphor and metonymy were presented from the viewpoint of cognition and, finally was held study of metonymy with relevance to its nature inferential. The analysis consisted of a case study in order to observe the inferential face of the conceptual metonymy as is the process of building a particular concept through metonymic process. The results showed that conceptual metonymy has a range of socio-cultural.

**Keywords:** Cognitive Semantics. Metonymy. Reference. Inference.

## Introdução

---

\*Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória – ES, Brasil, [letrasione@gmail.com](mailto:letrasione@gmail.com).

Apoiando-se na perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, defende-se a metonímia como um fenômeno conceptual. Para Lakoff & Johnson (2002, p.93) a metonímia “não é um mero recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento”.

Nessa direção, este artigo associa-se a estudos que expandiram a função da metonímia para além do seu conceito tradicional enquanto figura de linguagem. Adota-se aqui a concepção de metonímia conforme apresentada por Panther & Thornburg (1999) que denominam as metonímias de esquemas naturais de inferência, considerando-as como associações entre conceitos, facilmente ativáveis, que podem ser usados para finalidades inferenciais. Supõe-se, então, que a metonímia é muito mais que um processo de deslocamento de referência. É nessa possibilidade de diferenciação de tratamento que se apoia este trabalho.

### **A linguagem figurada na retórica aristotélica: a superioridade da metáfora em relação à metonímia**

A Retórica tem em Aristóteles seu maior representante, no que diz respeito aos postulados relativos à linguagem figurada. Considerada a linguagem da emoção e das paixões, a linguagem figurada ocupa um papel de destaque, tanto na poesia, quanto no discurso, e os retóricos defendem que essa linguagem possui dupla função, pois exerce o papel, tanto de artifício de embelezamento, quanto de artifício de persuasão.

Embora a expressão ornada caracterize o discurso “bem elaborado”, apreciado por poetas e retóricos, houve o reconhecimento de que o uso das figuras é também encontrado na linguagem cotidiana. Aristóteles ([199-], p.176) declara que “não há ninguém que na significação corrente não se sirva de metáforas, dos termos próprios e dos vocábulos usuais”. Essa é uma afirmativa bastante singular, considerando-se a longa tradição de estudos posteriores que sediará a metáfora no interior da linguagem literária, restringindo-a a tal lugar.

Mas, se a metáfora exerce uma grande atração em diversos pesquisadores, não se pode afirmar o mesmo sobre a metonímia que, geralmente, aparece como pano de fundo de declarações relacionadas à metáfora, como se pode observar em Ullmann (1970) que apresenta a metonímia, como recurso estilístico, dispondo ela de um interesse limitado para o estudioso do estilo uma vez que ela surge apenas entre as palavras além de não revelar relações novas entre os termos. Imbuído desse posicionamento, Filipak (1983, p.135) declara que o “emissor e o receptor facilmente percebem a metáfora como um desvio lingüístico. A metonímia, por sua vez, é mais sorrateira, dissimulada e passa despercebida, detectável apenas pela análise linguística ou estilística”.

Esse caráter sub-reptício da metonímia talvez seja a justificativa para sua aparência de sombra em relação ao fulgor da metáfora e, mais ainda, talvez seja devido a tal característica o fato de a metonímia ter sido sempre muito menos estudada. Assim como foi observado na abordagem tradicional, a escassez dos estudos relacionados à metonímia, também é notada na abordagem da Linguística Cognitiva.

Abrahão (2008) compreende a metonímia sob a perspectiva da Produção de Sentido em destaque para a importância dos processos histórico-sociais e culturais que sustentam a significação da metonímia para além de uma questão de estilo. Põe-se em relevo também a influência da experiência física na representação de processos de significação fomentados pela metonímia. A autora exemplifica isso por meio das metonímias “*Suor, sangue e lágrimas.*”, proferidas em 1939, por Wiston Churchill à população inglesa, em reação à situação de domínio e opressão. Para a autora as metonímias *suor, sangue e lágrimas*, expressam a situação de um modo bem realista provocando no povo o efeito de sentido de busca de resistência.

Os estudos de Jakobson também sustentaram a importância da metonímia e da metáfora na constituição da linguagem. Jakobson (1973) ressaltou a relação da metáfora e da metonímia com os processos de seleção e de combinação e expôs que ambos os tropos opostos, metáfora e metonímia, oferecem a expressão mais condensada de dois modos básicos de relação: a relação interna de similaridade (e contraste) serve de base à metáfora enquanto que a relação externa de contiguidade (e afastamento) determina a metonímia. Dessa forma, concordamos com Niemeier (2003), que, citando Dirven (apud NIEMEIER, 2003, p.196), afirma ter Jakobson desde sempre percebido a condição da metonímia em seu efeito de conceptualização, pois a linguagem apresenta-se com um duplo caráter que pode ser explicado por duas formas de arranjo: a combinação e a seleção. Ao comentar os distúrbios da afasia na linguagem, Jakobson (1970), também ressaltou o caráter cognitivo da metonímia. Soma-se a isso o pensamento de Radden (2005), que aponta o fato de a retórica tradicional já ter lidado com aspectos conceptuais na medida em se referia a noções tais como a *parte todo*, *causa efeito*, *contêiner continente* etc.

Embora a metáfora seja apresentada numa posição de destaque, percebe-se que ela tem com a metonímia mais afinidades do que discrepâncias. A metáfora e a metonímia atuam no estudo estilístico e em mudanças semânticas na história das línguas. Ullmann (1970, p. 455) declarou que “[...] uma língua sem metáfora e sem metonímia é inconcebível: estas duas forças são inerentes à estrutura básica da fala humana”.

Nos estudos em Semântica Cognitiva, a metáfora e a metonímia trabalham no mesmo nível cognitivo, por isso não há superioridade de uma em relação à outra. Em seguida, o

próximo item aborda brevemente o tratamento dispensado à metonímia ainda sob uma abordagem tradicional.

### **Metonímia e tradição**

Etimologicamente, o termo *metonímia*, em grego *μετωνομία* (*metonymía*), significa mudança (*μετα* - *meta*) de nome (*ὄνομα* - *ónoma*) e, em latim à denominação (*denominatio*), conforme registrado por Massaud Moisés (2004). Lausberg (apud MOISÉS, 2004, p.290-291), declara que a delimitação da metonímia à esfera dos nomes é equivocada, isto é, a metonímia não é uma mera relação entre nomes. Em outras palavras, a definição de metonímia, considerada apenas como o uso do nome de uma coisa por outra com a qual está associada, oferece apenas uma visão geral de sua essência.

Nota-se, contudo, em gramáticas tradicionais uma visão restrita acerca das características da metonímia, pois essa visão não ultrapassa a substituição de palavras entre si. Barros (1985, p. 361), por exemplo, registra que a metonímia consiste na troca de palavras, isto é, emprega-se uma palavra por outra, e a primeira *lembra* a segunda, que fora omitida. Segundo o autor, a metonímia revela íntima relação entre o significado que se deseja transmitir e o significante usado para expressá-lo. Para Cegalla (2008), na metonímia uma palavra evoca a outra. Rocha Lima (1974) também havia considerado que a metonímia origina-se das ideias evocadas por outra com a qual apresentam certa interdependência.

Para Câmara Júnior (1968, p.239) a metonímia é um processo sincrônico pelo qual se multiplicam as ocasiões de emprego de uma palavra, além do seu campo semântico específico. A metonímia “coloca uma palavra num campo semântico que não é o seu, na base de agrupamentos onomasiológicos das coisas extralinguísticas que não coincidem com os agrupamentos semânticos das formas linguísticas”.

Guern (1973) alertou para o fato de a relação metonímica apresentar-se como uma relação entre objetos, num deslize de sentido (ou apenas deslize de referência) entre dois objetos ligados por uma relação extralinguística. O autor sustenta que:

A metonímia não cria uma relação completamente nova entre os dois termos que associa, visto que os objectos que estes termos designam no seu sentido próprio estão já em relação com a realidade exterior, mesmo antes de serem nomeados, e independentemente da maneira como são nomeados (GUERN, 1973, p.136-137).

A citação acima permite afirmar que tais considerações acerca da metonímia estão condizentes com a concepção de que, para cada nome, há um correspondente no mundo e que, quando esse mesmo nome é usado para indicar outro referente, há conseqüentemente um

“desvio de referência” (GUERN, 1973, p.154), uma “translação de sentido” (BECHARA, 1977, p.341), a colocação de “uma palavra num campo semântico que não é o seu” (CÂMARA JÚNIOR, 1968, p.239). Dessa forma, a possibilidade de se fazer uso de uma palavra para se referir a outra, perpassa pela observância das duas entidades envolvidas, que precisam, necessariamente, ter alguma relação de contiguidade, externa à linguagem. Esse “quesito” remete ao que Filipak (1983) defendeu ao declarar que a metonímia se resolve nas realidades ontológicas do mundo exterior, em consonância com a crença de que a realidade está discretizada independentemente das experiências corpóreas e sociais.

Nos termos postos, esses posicionamentos pautam-se nas seguintes características atribuídas à metonímia: ela não depende exclusivamente do sujeito, é tida como um deslize de referência e baseia-se numa relação objetiva entre objetos. A função referencial da linguagem se mostra extremamente produtiva em relação à substituição de um termo pelo outro, sobretudo em relação ao processo de transferência de referência entre objetos. Por isso os estudos tradicionais têm sua compatibilidade a essa visão de linguagem e de referência. Contudo, se há, neste trabalho, o reconhecimento do longo e do produtivo trabalho da tradição na caracterização da metonímia, reconhece-se também, aqui, que a concepção que vigorou até o momento não foi suficiente para abranger as ilimitadas possibilidades de ocorrências desse fenômeno que apresenta as filigranas de seus sentidos para além da substituição de palavras. Faraco (2003, p.85) em sua gramática, ainda que não faça menção a Lakoff & Johnson, aparentemente, baseia-se nesses autores para explicar que “a metonímia nasce de um mecanismo cognitivo”. O autor lança mão de termos como *percepção* e *implicatura*, conceitos caros à compreensão do modo metonímico de se fazer linguagem. Embora Faraco talvez reconheça a emergência da Semântica Cognitiva no estudo da metonímia, ele ainda mantém uma listagem tradicional como mecanismo de explicação do fenômeno.

### **Por uma taxonomia da metonímia**

Fontanier (apud GUERN, 1968, p.30) já havia situado a metonímia no campo da relação de *correspondência* que foi compreendida pela relação que aproxima dois objetos dois quais cada um forma ‘um todo absolutamente à parte’. Por *correspondência*, o retórico oitocentista entende algo bem diferente da *contiguidade* à qual a posterioridade reduziria o funcionamento da metonímia. Genette (1972) e Filipak (1983) fornecem a seguinte classificação da metonímia aos moldes da classificação defendida pelo retórico oitocentista:

(A) METONÍMIA DE CAUSA. (1) De causa suprema e divina: Os antigos empregavam o nome de Júpiter, pelo ar; de Baco, pelo vinho; de Marte, pela guerra; de Netuno, pelo mar. (2) De causa ativa, inteligente e moral: Ocorre esta metonímia quando dizemos que vamos ler Camões, Castro Alves, Dalton Trevisan, em lugar de suas obras. (3) De causa instrumental e passiva: Esse tipo de metonímia ocorre quando empregamos uma pena de ouro, uma pena brilhante ao aludirmos a um escritor de nomeada; um pincel de mestre, um pincel delicado ao evocarmos um pintor de renome. (4) De causa física e natural: Ocorre quando alguém diz que não gosta do sol e do inverno, quando na realidade ele não gosta do calor e do frio. Dizemos: ter bons olhos, ter olho clínico, por ter bom gosto; ter ouvido fino, por gostar de música; ter bom paladar, por gostar de comer; ter bom faro, pela acuidade em perceber odores. (5) De causa abstrata e metafísica: Esta ocorre quando se diz as bondades, as ternuras, as injustiças, as amizades pelos atos ou traços que partem da bondade, da amizade, da injustiça.

(B) METONÍMIA DE INSTRUMENTO. O pincel do pintor, a pena do escritor origina as metonímias: ele é um grande pincel, ele é um excelente pena.

(C) METONÍMIA DE EFEITO. Ocorre em os filhos de Marte, em lugar de guerreiros; os filhos do exílio, em lugar de desterrados; os filhos de Eva, em lugar de homens.

(D) METONÍMIA DE CONTINENTE. Empregam-se os lexemas o vaso, o copo, o cálice pelo líquido contido nos mesmos, como: cálice de vinho. Emprega-se o nome do país, da cidade, da vila, da terra, ou lugar pelos seus habitantes. Ex.: A Argentina (os argentinos) vende trigo ao Brasil (aos brasileiros). O Vaticano (o Papa) condena o aborto. A Casa Branca (o governo americano). Emprega-se também céu e inferno em lugar de Deus e o Diabo (o céu luta contra o inferno).

(E) METONÍMIA DE LUGAR. Emprega-se o nome do lugar onde a coisa se fabrica ou produz pelo produto ou artefato. Assim se diz: fumar um Havana, tomar um Porto, tomar um morreteana (aguardente de Morretes).

(F) METONÍMIA DO SIGNO PELA COISA SIGNIFICADA. Emprega-se o trono pelo poder real; o altar pela dignidade sacerdotal; a tiara pelo papado, a toga pela magistratura; a espada pelas armas; a águia branca pela Polônia; a cruz pelo cristianismo, a bandeira pela Pátria, o verde-amarelo pelo Brasil.

(G) METONÍMIA DO FÍSICO. Designam-se afetos, sentimentos, hábitos, qualidades morais pelas partes físicas do corpo. Ex.: ter coração (ter sentimentos, piedade e amor ao próximo); ter cabeça (ser inteligente, prudente, sagaz e esperto); ter ouvidos (ter compaixão, piedade de alguém); ter muque (ter força, ânimo e coragem); ter raça (ter força, resistência e coragem).

(H) METONÍMIA DA COISA. Designa-se o sexo das pessoas pelas coisas que são próprias do seu uso. Assim, nos banheiros de repartições públicas pinta-se um chapéu, uma cartola, uma bengala, um charuto para designar o reservado dos homens. Pinta-se batom, bolsas, luvas, sombrinha ou sapato de salto para denotar o banheiro de senhoras (FILIPAK, 1983, p.144).

Segundo Filipak (1983, p.142), a atividade referencial da metonímia foi antevista por Fontanier. Nesse sentido, Ricoeur (2003) notou que a relação de correspondência aos moldes de Fontanier liga objetos antes de idéias, e que o deslocamento das designações de nomes regula-se sobre a relação objetiva. Aparentemente simplificada, a classificação da metonímia por Fontanier serviu, no entanto, de base para a apresentação da metonímia em gramáticas tradicionais e livros didáticos. A divisão da metonímia, expressa na forma de imensa lista de ocorrências, refletiu-se nos manuais de ensino. Conforme Genette (1972, p. 208), essa é uma divisão lógica, baseada em fatos lógicos, o que, de certa forma, não se pode negar. No entanto, aquela listagem retórica, reflete também, como já o disse Radden (2005), operações com noções conceituais e não meramente lógicas.

## **Consequências da tradição no ensino moderno**

Embora esta pesquisa não esteja voltada especialmente ao ensino, é pertinente observar como a metonímia é apresentada em manuais didáticos, pois isso se reflete na maneira como o alunado se orienta em relação ao fenômeno.

A metonímia é descrita por Rodella et al. (2005, p.91), como uma forma de inclusão entre as palavras, com base na explicação de que o conceito que uma palavra exprime está incluído no conceito que outra palavra representa. Nesses termos, substituir o autor pela obra, o continente pelo conteúdo, a causa pelo efeito e vice-versa, a matéria pelo objeto, a marca pelo produto, o concreto pelo abstrato e vice-versa, o singular pelo plural e vice-versa, são, conforme Rodella et al. (2005), formas comuns de uso da metonímia.

Nessa mesma via, Griffi (2007, p.312), analisa a metonímia como uma figura de linguagem que se usa quando uma palavra substitui outra que tem com ela uma relação de inclusão, considerando-se que “[...] na metonímia existe uma relação real entre o que se quer dizer e o que efetivamente se diz. Não é um simples uso arbitrário, como na metáfora.” Nesse livro didático, não são listadas as taxonomias.

Mediante o exposto, na maioria dos livros didáticos há apenas o enfoque da substituição de palavras, o que culmina numa visão redutora. O próprio Fontanier (e outros já citados) já havia deixado transparecer que a metonímia ultrapassa o âmbito da substituição. Entretanto, a apresentação da metonímia em gramáticas e livros didáticos se expressa em forma de listas prontas que geralmente induzem o estudante a decorar as relações, e meramente identificá-las em expressões linguísticas, que em sua maioria são retiradas de textos literários.

As relações de contiguidade acerca da metonímia, que foram incansavelmente listadas e reproduzidas por manuais tradicionais, são compreendidas pela Semântica Cognitiva como fruto de uma sistematicidade concernente ao nosso modo de pensar e de agir. Por meio de esquemas de imagem e de motivações pragmáticas, as pessoas fazem distinção conceptual entre as entidades envolvidas. Trata-se de uma manifestação de um tipo de raciocínio (raciocínio inferencial, ou metonímico, ou metonímico inferencial) quando se produz ou se compreende uma expressão ou termo linguístico que propaga uma metonímia.

Vale destacar que diversos livros didáticos silenciam sobre a metonímia. Os livros didáticos de Cereja & Magalhães (2003); Infante (2001); Landeira & Bittencourt (2004) não trazem conteúdos referentes ao estudo da metonímia. Da mesma forma o fazem as gramáticas de Cunha & Cintra (2001) e de Melo (1970). Isso se explica pela proposta própria desses autores que focam suas abordagens nos aspectos descritivos e formais da língua. Entretanto, a

importância da metonímia liga-se tanto a sua natureza referencial e inferencial, sendo esta última importantíssima para a leitura e compreensão do texto quanto aos aspectos da tessitura textual no que concerne à coesão.

### **Metonímia e Coesão Textual**

Num contexto em que a maioria dos concursos seletivos utiliza a redação como um dos requisitos para aprovação do candidato, este precisa ter competência textual para expressar opiniões e posicionar-se, por meio da escrita, diante dos temas transversais que lhe serão apresentados não apenas nos concursos, mas ao longo da vida. Atualmente, “a escrita recebe uma avaliação social bastante saliente e sua relevância na sociedade contemporânea é indiscutível” (MARCUSCHI & HOFFNAGEL, 2007, p.85). Entretanto, há um descompasso entre o que é ensinado na escola e o que é pedido nos concursos. Geralmente, o aluno pouca presença a prática do exercício da leitura e da escrita no ensino médio, e, quando se depara com a redação, sente-se impotente e com pouca competência discursiva para escrever o que se pede, atribuindo à redação o mito de ser um “monstro de sete cabeças”.

Diferentemente dessa concepção, o uso do texto é uma forma de se valorizar a leitura e a escrita. Mas, qual o segredo para a construção do texto? “[...] A construção de um texto exige a realização de atividades cognitivo-discursivas que vão dotá-lo de certos elementos, propriedades ou marcas, os quais, em seu inter-relacionamento, serão responsáveis pela produção de sentidos” (KOCH, 2008, p.7).

É assim que a metonímia é considerada um recurso fino de coesão...

*“Obama retirou as tropas do Iraque. A Casa Branca, no entanto, mantém a carnificina no Afeganistão”.*

na medida em que é capaz de ligar conceptualmente conceitos em torno de um domínio cognitivo, como o domínio de *Governo Americano*, no exemplo acima.

### **A metonímia como um processo cognitivo**

O hábito de percepção que se tem na escolha de partes mais representativas para significar um todo perpassa pelos conceitos metonímicos que organizam o pensamento e as ações, permitindo a conceptualização de uma coisa por sua relação com outra. Ou seja,

atribui-se ao uso da metonímia a possibilidade de se colocar em evidência certas características da entidade a que se faz referência. Desse modo, a metonímia:

[...] tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo. Assemelha-se também à metáfora no sentido de que não é somente um recurso poético ou retórico, nem é somente uma questão de linguagem. Conceitos metonímicos (como PARTE PELO TODO) fazem parte da maneira como agimos, pensamos, e falamos no dia-a-dia (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.93).

Para se entender a metonímia como um processo cognitivo, é preciso pensá-la não como uma entidade no lugar de outra, mas entender que as entidades inter-relacionadas constituem sentido por meio de processos complexos que vão explicitar não o mero resultado de relação das partes, mas da possibilidade de insuflar o surgimento de uma forma nova, resultante de um processo de pensamento.

### **Modelos Cognitivos Idealizados**

Para Lakoff (1987) uma importante habilidade que o ser humano tem é a capacidade geral de formar modelos cognitivos idealizados, doravante MCIs que são compreendidos como estruturadores da experiência humana. Eles são construídos socialmente e estão disponíveis na cultura. Dessa forma, uma estrutura conceptual se fundamenta na experiência física e cultural e somente pode ser descrita por meio de MCIs e não por meio de valores de verdade como utilizados na lógica proposicional. E isso vale para a metonímia por ser considerada a relação entre entidades conceptuais presentes no sistema de conceptualização por meio dos MCIs, ela é um mecanismo não-proposicional, o que a caracteriza para além do seu uso referencial.

Os MCIs subdividem-se, de acordo com Lakoff (1987, p.113-114), em quatro tipos básicos de modelos cognitivos: (i) modelos cognitivos de *esquema de Imagem*, (ii) modelos cognitivos *proposicionais*, (iv) modelos cognitivos *metafóricos* e (v) modelos cognitivos *metonímicos*.

Os modelos cognitivos *metonímicos* apresentam fontes metonímicas de efeitos prototípicos que se caracterizam pelos *estereótipos sociais*, pelos *exemplos típicos*, pelos *ideais*, pelos *padrões*, pelos *geradores*, pelos *submodelos* e pelos *exemplos salientes*. Os

modelos cognitivos *metonímicos* representam uma estrutura *parte-todo*<sup>1</sup>, podendo haver, assim, uma função de uma parte que esteja representando uma totalidade.

No sistema conceptual humano, existem vários modelos metonímicos, que são fontes de efeitos prototípicos. Conforme Lakoff (1987), modelos metonímicos têm um *status* cognitivo, porque fazem parte do raciocínio para os mais variados propósitos, como aqueles em que um membro ou subcategoria pode representar metonimicamente uma categoria inteira, para fazer *inferências, cálculos, aproximações, planos, comparações e julgamentos*, que são práticas recorrentes do cotidiano. Por isso, conforme o autor, as fontes metonímicas de efeitos prototípicos estão em desacordo com a visão objetivista de mundo. Diversos casos de fenômenos prototípicos simplesmente não são usados para uma mera identificação de coisas.

### **Mapeamentos metonímicos**

A metonímia é um acontecimento básico no processamento das línguas naturais. Isso porque, cognitivamente, a metonímia é um mecanismo pelo qual um domínio de experiência é entendido parcialmente em termos de um mesmo domínio. A metonímia, tanto quanto a metáfora, é um processo conceptual que relaciona entidades. Nesse mesmo sentido, Radden & Kovecses (1999, p.21, tradução nossa) descrevem a metonímia como “um processo cognitivo no qual uma entidade conceptual, o veículo, fornece acesso mental à outra entidade conceptual, o alvo, dentro do mesmo modelo cognitivo idealizado”. Langacker (1987) descreve o mapeamento metonímico pela noção de Ponto de Referência (PR) e de Zona Ativa (ZA), que assim podem ser representados:



Figura 01 – Mapeamento metonímico

<sup>1</sup> Não há necessidade de se fazer distinção entre metonímia e sinédoque. “[...] Estamos incluindo como um caso especial de metonímia o que retóricos tradicionais chamaram de sinédoque, em que a parte representa o todo [...]” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 92).

As entidades que se ligam nos esquemas são entidades conceptuais. Na representação da figura 01, identifica-se a metonímia como um fenômeno de ponto de referência em que uma entidade conceptual (veículo / ponto de referência / fonte) permite o acesso mental a outra entidade conceptual (zona ativa/ alvo). O ponto de referência é visto com um veículo capaz de acessar um alvo.

Barcelona (2003) explica que, dentro de um mesmo domínio funcional, há vários subdomínios (alvos), entretanto, apenas um deles será ativado conforme o contexto. Assim, o enunciado apresentado por Barcelona (2003, p. 215): (Ex. 21a) “*Washington* é insensível à necessidade das pessoas”, pode ser esquematizado da seguinte forma:

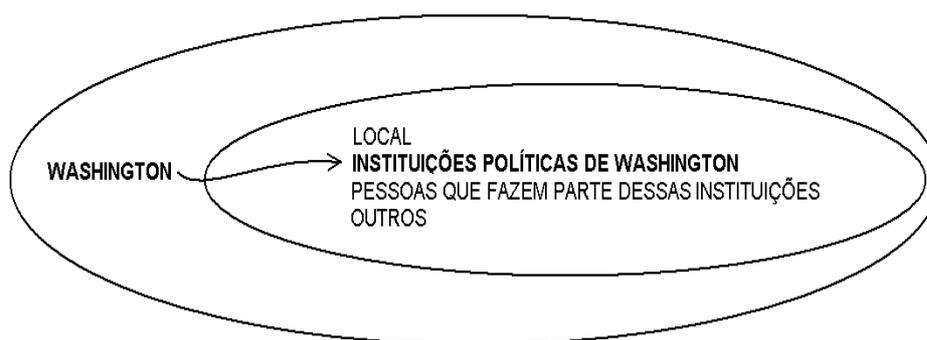


Figura 02 - Ativação de um alvo específico

Segundo o mesmo autor, dentro do domínio (fonte) de Washington, capital dos Estados Unidos, há vários subdomínios: a cidade como uma localização; as instituições políticas sediadas ali, as pessoas que tomam decisões naquelas instituições políticas (o Presidente, o departamento de secretários senadores e congressistas, etc.).

Constata-se que as pessoas fazem inferências por meio de processos metonímicos. Graças a eles é que são ativadas bases de conhecimentos. Portanto, é natural fazer-se alusão a certos aspectos de um evento por meio de uma parte dele, em relação à totalidade do evento.

O pensamento metonímico é tão abrangente que se acha, segundo Lakoff & Johnson (2002), em áreas tais como no simbolismo cultural, nos gestos humanos, e na iconicidade, de um modo geral. De acordo com Radden (2005, p. 26) as metonímias aparecem também em representações visuais, de modo semelhante e como acontecem na linguagem. Há ainda representações metonímicas de nossos sentidos olfativos e gustativos, por meio de evocações de cheiros e de sabores.

A abrangência da metonímia também perpassa pelos contos de fada. A temática de mistério e magia presentes nos contos é explorada por Rocha (2005) ao defender que a metonímia, enquanto, processo mental, está subjacente ao passe de mágica: “O encantamento não é aleatório. Não é produto de uma mente suprema e distinta das demais. Nós só o

entendemos ou o admitimos porque somos dotados de processos metonímicos que auxiliam na conceptualização de nossas experiências”, declara o autor.

## Um Estudo de caso

O texto analisado aqui se trata do excerto de uma reportagem publicada em revista sobre uma fraude ocorrida no cenário futebolístico no ano de 2005. Pretende-se observar a face inferencial da metonímia conceptual e como se constitui o processo de construção de um determinado conceito via processo metonímico.

Abaixo a transcrição da reportagem:

### PEGAMOS O JUIZ LADRÃO

[...] Não era folclore. O juiz ladrão de carteirinha – que por muito tempo ocupou o panteão consagrado a personagens do imaginário popular, como a mula sem-cabeça e o saci pererê – revelou-se, no Brasil, de carne e osso. Uma reportagem publicada por *Veja* em setembro deste ano mostrou como os árbitros Edilson Pereira de Carvalho e Paulo José Danelon se associaram a uma quadrilha de apostadores de loterias eletrônicas para fraudar resultados de jogos com o objetivo de lucrar com as apostas. A descoberta da máfia do apito ganhou manchetes de jornais do mundo inteiro e resultou no banimento dos árbitros, na anulação de onze partidas disputadas no Campeonato Brasileiro e no surgimento de uma metonímia: virou moda gritar: “Edilson” na arquibancada toda vez que o juiz apita mal. O escândalo serviu para escancarar o amadorismo com que é administrado o futebol pentacampeão mundial [...] (FONTENELLE, 2005, p.92-93).

Num país em que grande parte da população é apaixonada por futebol, os campeonatos promovidos pelo esporte reúnem multidões nos estádios o que torna uma partida de futebol um evento especial para as torcidas de cada time participante. No Brasil, a figura do árbitro de futebol, mais conhecido por *juiz*, tem grande importância no imaginário popular associando-o, muitas vezes, à decisão dos resultados “[...] é uma actividade de grande responsabilidade, seguida atentamente pelos meios de comunicação social e por todos quantos acompanham o futebol” (Liga Portuguesa de futebol, 2010).

As torcidas, observadoras da atuação dos árbitros quanto à aplicação de impedimentos de gol, ou de penalidades como faltas, cartões, expulsões, geralmente manifestam da arquibancada seu descontentamento por meio de vocativos direcionados ao juiz em serviço. Essa prática, comum às torcidas brasileiras no cenário futebolístico, aconteceu com o árbitro Edilson de Carvalho que fora chamado de *ladrão* em várias partidas da qual foi juiz.

Em 2005, ficou comprovado que Edilson participou diretamente da manipulação de resultados de jogos dos Campeonatos Paulista e Brasileiro daquele ano. O referido árbitro recebia propina para alterar os resultados das partidas de futebol. A comprovação da fraude

repercutiu, principalmente, em anulação de jogos, alteração na contagem de pontos dos times envolvidos, etc.

O escândalo, que na época, tornou-se público em âmbito nacional e internacional, contribuiu para que algumas torcidas brasileiras passassem a chamar de *Edilson* os demais juízes que não apresentassem um bom desempenho no andamento das partidas e no placar dos jogos. Independentemente do nome do profissional e do não-vínculo a condutas ilícitas, a insatisfação das torcidas passou a ser manifestada dessa forma, ao lado da já conhecida forma de xingamento, *ladrão*.

Por fatores éticos e morais, dirigir-se a uma pessoa com xingamentos em seu exercício profissional, não é considerada uma forma respeitável de tratamento. Entretanto, no contexto do futebol (no Brasil), isso é aceitável em certa medida, embora a relação entre torcidas e juízes não seja plenamente cordial.

Por fatores culturais, está embutido na mente da maioria das pessoas que todo juiz de futebol é ladrão, como se o fato de ser ladrão fosse próprio dessa profissão, o que pode ser confirmado pelo excerto a seguir “[...] *Não era folclore. O juiz ladrão de carteirinha – que por muito tempo ocupou o panteão consagrado a personagens do imaginário popular, como a mula sem-cabeça e o saci pererê – revelou-se, no Brasil, de carne e osso [...]*” (FONTENELLE, 2005, p.92).

O texto acima traduz bem como um MCI se constitui: “[...] os elementos que compõem os arquivos permanentes são acessados e ativados, tal qual a um arquivo de computador, por formas gramaticais ou inferências”, conforme posto por Salomão.

Por inferência, o que estava presente na memória e intuição das pessoas se materializa e se corporifica prototipicamente na pessoa de Edilson, com base no modelo cognitivo metonímico *estereótipo social* (de sentido negativo), presente no sistema conceptual das pessoas. Pode-se entender que a categoria árbitro de futebol funda-se nos mais diversos conceitos, dentre os quais (aquele que arbitra; autoridade suprema, sem parcialidade; que é destacado; que tem preparo físico; que foi aprovado pela FIFA, etc). Por meio de valores e crenças, em torno do conceito juiz de futebol, emerge o conceito Edilson e tudo o que ele implica.

Nesse contexto, o signo *Edilson* é ressignificado passando a integrar o MCI de árbitro de futebol, por extensão do conceito *ladrão*. As torcidas, já não se restringiam a gritar “ladrão... ladrão... ladrão...”, mas criativamente: “Edilson..., Edilson..., Edilson...”. Dentre os membros que formam a categoria árbitro de futebol, o conceito *Edilson* é tido como um dos membros mais prototípicos para a designação do profissional em questão. Embora existam juízes honestos que, nas partidas de futebol, cometam equívocos naturalmente, um

determinado árbitro de futebol (parte) representa e caracteriza o conceito árbitro de futebol (todo) na intenção de se inferir e julgar o comportamento de um juiz no cenário futebolístico.

Há um delicado processo de construção de sentidos por meio de inferência metonímica: aquele que deveria fazer justiça, rouba. O texto de análise demonstra e corrobora a ideia de que a metonímia não se constitui pela noção de condições de verdade ou por mera substituição de termos, mas envolve refinado processo cognitivo conduzindo inferências tal como demonstrou Barcelona.

Abaixo, verifica-se o MCI de árbitro de futebol:

<b>MCI de árbitro de futebol</b>
<i>que arbitra</i>
<i>autoridade suprema, imparcial</i>
<i>destacado em campo</i>
<i>tem preparo físico</i>
<i>aprovado pela FIFA</i>
<i>que rouba, ladrão (Edilson)</i>

Figura 03– MCI de árbitro de futebol

Por meio da fonte metonímica *estereótipo social*, o juiz prototípico é aquele que rouba, sintetizado pela figura do árbitro Edilson.

Constata-se, ainda, no texto, outra metonímia interessante: “*A descoberta da máfia do apito ganhou manchetes de jornais do mundo inteiro*” (FONTENELLE, 2005, p.92), em que apito, enquanto instrumento de trabalho, é tido como ponto de referência cognitivo usado para fazer referência à classe de árbitro de futebol. Verifica-se por meio do texto, uma relação conceptual de base metonímica, que se configura por *objeto usado pelo usuário*.

Pode-se de fato saber que o conhecimento do mundo leva as pessoas a fazerem inferências e a formar expectativas. Têm-se vários esquemas e conceitos que funcionam como histórias na memória das pessoas permitindo que elas compreendam as complexas relações que acontecem em suas experiências do dia-a-dia. Na verdade, são muitas histórias como a do juiz que por metonímia, representa a totalidade de uma categoria, a da *mãe dona de casa* considerada o membro mais representativo da categoria *mãe*. Todas essas histórias se ligam (fator da memória em ação). Verifica-se, assim, a prova circunstanciada do alcance sócio-cultural da metonímia conceptual.

## Conclusão

A tradição de estudos sobre o sentido formou base sólida por sobre a noção de referência estendida à função referencial da linguagem e expressa por intermédio de proposições linguísticas. A tradição linguística, que no nascedouro foi comparativista, amadureceu valorizando a referência no sentido proposicional.

Na história dos estudos da metonímia consta, antes de tudo, a visão de que a linguagem corresponde a uma relação direta entre os objetos e as coisas. Visão que está presente nas abordagens tradicionais acerca da metonímia e dos processos figurativos, em geral. A substituição de um nome por outro, por exemplo, enquadra-se nas considerações que defendem a linguagem enquanto um espelho da realidade, como se a significação fosse restrita a uma troca de palavras.

Entretanto, constatou-se que temos um sistema conceptual metafórico e metonímico complexo que está subjacente ao nosso modo de categorização e que perpassa pelas nossas experiências corpóreas, pela nossa racionalidade imaginativa. A metonímia afasta-se, portanto, do referencialismo da linguagem para se aproximar do modo como se pensa o mundo, tendo como base a própria experiência humana. Admite-se, assim, que a metonímia tem base referencial, mas ela é, sobretudo, de natureza inferencial. Ao se mudar a concepção, muda-se a consideração sobre o objeto: a linguagem é considerada um processo, e a metonímia, base de pensamento.

Consequentemente, o foco sai da função referencial da linguagem e recai na possibilidade inferencial, demonstrando que a metonímia é um fato de compreensão/entendimento da linguagem/ cognição humana em seu aspecto inferencial.

Sendo assim, a função referencial da linguagem é suficiente para explicar a metonímia considerada sob os moldes tradicionais cuja abordagem se limita à relação entre termos produzindo um quadro taxonômico de tais realizações. No entanto, a relação entre linguagem e referência é insuficiente para as nuances do processo metonímico em sua rica abrangência.

## Referências

ABRAHÃO, Virgínia Beatriz B. A metonímia em London London, conto de Caio Fernando. Abreu. **Revista do SELL**, v.1, n.1, p.07, 2008. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/11>> Acesso em: 23 de janeiro de 2010.

BARCELONA, Sánchez Antonio. Clarifying and metaphor and metonymy. In: DIRVEN, René, PORINGS, Ralf (orgs.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. p.207-276.

- BARROS, Enéias Martins de. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Atlas, 1985.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática da língua portuguesa**. 22.ed. São Paulo: Nacional, 1977.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática**: referente à língua portuguesa. 3.ed. São Paulo: J. Ozon, 1968.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: linguagens**. São Paulo: Atual, 2003.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura**. Curitiba: Base Editora, 2003.
- FILIPAK, Francisco. **Teoria da Metáfora**. Curitiba: HDV, 1983.
- FONTENELLE, André. Pegamos o juiz ladrão. **Veja**. São Paulo, n.52, p. 92-97, dez. 2005.
- GENETTE, Gerard. **Figuras**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GRIFFI, Elizabeth. et al. **Fundamentos práticos de gramática**. Ens. Méd. São Paulo: Escala Fundamental, 2007.
- GUERN, Michel Le. **Semântica da metáfora e da metonímia**. Porto: Telos, 1973.
- INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática**: aplicada aos textos. Ens. Méd. São Paulo: Scipione, 2001.
- JAKOBSON, Roman. A afasia como um problema linguístico. In: LEMPLE, Miriam; LEITE, Yonne (orgs.). **Novas perspectivas linguísticas**. Petrópolis: Vozes, 1973. p.43-54.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 4.ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1970.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. London: The University Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002. Tradução de: Maria Sofia Zanotto.
- LANDEIRA, José Luís Marques Lopes; BITTENCOURT, Sylvia Homem de. **Língua Portuguesa**: Ensino Médio, 1ª série. Brasília: CIB - Cisbrasil, 2004.
- LANGACKER, Ronald. **Foundations cognitive grammar**: theoretical prerequisites. California: Standford University Press, 1987, v.1.

- MARCUSCHI, Luiz Antonio; HOFFNAGEL, Judith. A escrita no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; DIONISIO, Ângela (orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.85-104.
- MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12.ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.
- NIEMEIER, Susanne. Straight from the heart: metonymic and metaphorical explorations. In: BARCELONA, Antonio (org.). **Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. 2003, p.195-214.
- PANTHER, Klaus-Uwe; THORNBURG, Linda. The potentiality for actuality metonymy in English and Hungarian. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Gunter (orgs.) **Metonymy in Language and Thought** (Human Cognitive Processing). Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 1999. p.333-360.
- RADDEN, Gunter. The ubiquity of metonymy. In: CAMPO, José Luis Otal; FERRANDO, Ignasi Navarro i; FORTUÑO, Begoña Bellés. **Cognitive and discourse approaches to metaphor and metonymy**. Castelló de La Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I, 2005. p.11-28.
- RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 17 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1974.
- ROCHA, Luiz Fernando Matos. O condão cognitivo: passe de mágica como metonímia. In: **Recorte**: revista de linguagem, cultura e discurso, v. 2, 2005. Minas Gerais: Três corações, 2005.
- RODELLA, G. et al. **Português, a sua língua**. Ens. Méd. São Paulo: Nova Geração, 2005.
- SER árbitro de futebol. **Liga Portuguesa de Futebol Profissional**. Disponível em: <[http://www.lfp.pt/arbitragem/Pages/ser\\_arbitro\\_de\\_futebol.aspx](http://www.lfp.pt/arbitragem/Pages/ser_arbitro_de_futebol.aspx)> Acesso em: 20 dez. 2010.
- ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 2.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1970.